



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA  
CURSO DE JORNALISMO**

**PATRÍCIA BEZERRA DO NASCIMENTO**

**PERSPECTIVA E PRÁTICA JORNALÍSTICA: À GUIA DE CONCEITOS SOBRE  
RELATO HUMANIZADO E SENSACIONALISMO**

**Campina Grande, PB – Dezembro de 2017**

**PATRÍCIA BEZERRA DO NASCIMENTO**

**PERSPECTIVA E PRÁTICA JORNALÍSTICA: À GUIA DE CONCEITOS SOBRE  
RELATO HUMANIZADO E SENSACIONALISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, modalidade Artigo, apresentado à Coordenação do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra

**Campina Grande, PB – Dezembro de 2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

**N244p** Nascimento, Patricia Bezerra do.  
Perspectiva e prática jornalística [manuscrito] : à guisa de conceitos sobre relato humanizado e sensacionalismo / Patricia Bezerra do Nascimento. - 2017.  
39 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra, Departamento de Comunicação Social - CCSA."

1. Jornalismo. 2. Relato Humanizado. 3. Sensacionalismo.  
4. Epistemologia . 5. Jornalismo literário .

21. ed. CDD 070.4

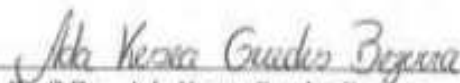
PATRÍCIA BEZERRA DO NASCIMENTO

**PERSPECTIVA E PRÁTICA JORNALÍSTICA: À GUIA DE CONCEITOS SOBRE  
RELATO HUMANIZADO E SENSACIONALISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,  
apresentado à Coordenação do Curso de  
Comunicação Social da Universidade Estadual  
da Paraíba – UEPB, como requisito para  
obtenção do título de Bacharel em  
Comunicação Social – Habilitação em  
Jornalismo.

Aprovado em: 14 de 12 de 2017

**Banca Examinadora**



Prof.<sup>a</sup> Dra. Ada Kesia Guedes Bezerra  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria do Socorro Tomaz Palitô Santos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Luis Adriano Mendes Costa  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus indispensáveis pais, **Cícero Bezerra do Nascimento** e **Josefa Maria de Jesus Nascimento** e ao meu amado esposo **Adilson Galdino da Silva**, por toda dedicação e amor,

Dedico este trabalho!

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a **Deus**, por ter me dado a graça de existir e a possibilidade de fazer a diferença, apesar de minhas limitações, no mundo e principalmente na vida das pessoas que me cercam. Tenho plena convicção de que Seus planos são perfeitos.

À professora **Ada Kesea Guedes Bezerra** pela orientação, dedicação, disposição, respeito, e principalmente por ter aceitado se aventurar comigo nessa busca por respostas.

Aos meus **pais, irmãos e sobrinhos** pela força, incentivo e confiança. Por cada vez que, direta ou indiretamente, me inspiraram a continuar e pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares.

Ao meu irmão **Leandro Bezerra do Nascimento** (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força todas as vezes que pensei em desistir.

Ao meu esposo **Adilson Galdino da Silva** por todas as vezes que me fez enxergar que eu era capaz de chegar até aqui; por me ouvir falar tanto em Relato Humanizado e Sensacionalismo e ainda assim, pacientemente, escutar; por cuidar de nossa casa enquanto eu estava mergulhada nas leituras e escrita. Você é meu porto seguro.

Às minhas queridas amigas, **Claine, Quely, Aninha e Arlete** por compreenderem minha ausência, e por acreditarem em mim e no meu sonho de formar.

Aos amigos, **Geraldo Cordeiro** pelas dicas e leituras dos meus textos; **Nice e Neide** pelos conselhos e incentivos, e **Lieje** por ser luz mesmo à distância.

Aos colegas de classe, de modo especial, **Berg, Elisângela, Raquel, Marília, Henrique, Deman, Aline, Andrezza, Iara de Jesus, Gaby** pelos momentos de amizade e por acolherem esta pernambucana sonhadora que caiu quase que de paraquedas no Estado e na vida de vocês.

Aos professores do Curso, em especial, **Robéria Nascimento, Luciellen Souza, Verônica Almeida, Antônio Simões, Ingrid Fechine, Goretti Sampaio, Arão Azevedo**, que contribuíram ao longo dos semestres, por meio das disciplinas e debates, para nosso aprendizado.

Às jornalistas **Ciara Carvalho, Mariana Dantas e Priscila Miranda** pela colaboração e solicitude; parte desta pesquisa eu devo a vocês.

À professora **Socorro Palitó** e ao professor **Luís Adriano** por terem aceitado fazer parte da banca e deste modo contribuir com esta pesquisa e com meu conhecimento. A vocês minha gratidão.

*“Enquanto existir pessoas que digam que  
sonhos são apenas sonhos, existirão sonhos  
que nunca deixarão de ser”.*

*Patrícia Nascimento*

## SUMÁRIO

|   |   |    |
|---|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO .....  | 07 |
| 2 | OBJETIVIDADE, IMPARCIALIDADE E ÉTICA: O JORNALISMO E SUA<br>FUNÇÃO SOCIAL ..... | 09 |
| 3 | SENSACIONALISMO: REVISITANDO CONCEITOS .....                                    | 11 |
| 4 | MAIS QUE NOTÍCIAS, HISTÓRIAS: A HUMANIZAÇÃO NO RELATO<br>JORNALISTICO .....     | 19 |
| 5 | RELATO HUMANIZADO X SENSACIONALISMO: O OLHAR DE QUEM<br>REPORTA .....           | 22 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS .....  | 33 |
|   | REFERÊNCIAS .....   | 35 |
|   | APÊNDICE – ROTEIRO DE QUESTÕES PARA ENTREVISTAS .....                           | 37 |



## PERSPECTIVA E PRÁTICA JORNALÍSTICA: À GUIA DE CONCEITOS SOBRE RELATO HUMANIZADO E SENSACIONALISMO

Patrícia Bezerra do Nascimento<sup>1</sup>

### RESUMO

Existe uma “confusão” acerca do que é o Sensacionalismo e o que seja o Relato humanizado – a princípio característica própria do jornalismo literário. Tal celeuma é reforçada pela escassez de literatura que os confronte e os conceitue de forma clara e objetiva. Este motivo por si só justifica a proposta aqui apresentada. Recorrendo a autores como Pereira Lima (2009) e Montipó (2011) que se ocupam de estudar o relato humanizado; Amaral (2006) e Ramos (2012) que se dedicam aos estudos sobre o sensacionalismo; e ouvindo as opiniões de três repórteres do Jornal do Commercio, buscou-se colocar ambas possibilidades em diálogo, no ímpeto de compreender como se manifestam ao mesmo tempo em que se entrelaçam. Na concepção de Ramos (2012) o sensacionalismo é visto como algo totalmente negativo e por isso mesmo procura-se a todo custo negá-lo. As entrevistadas validam tal pensamento quando inferem que um trabalho dito sensacionalista está em um patamar de inferioridade: enquanto o relato humanizado é a essência e aquele é o excesso. O estudo apresenta-se da seguinte maneira: quanto à natureza, é resumo de assunto, quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa Exploratória e Descritiva, e quanto aos procedimentos é bibliográfica e de campo.

**Palavras-Chave:** Jornalismo. Relato humanizado. Sensacionalismo.

### 1. INTRODUÇÃO

O Jornalismo têm inúmeras possibilidades e formas, especificidades e características. Dentre elas o Sensacionalismo e o Relato humanizado parecem se chocar. Para uns, tudo que mexe com a emoção é sensacionalismo; para outros é possível, válido e urgente humanizar o relato. Não há literatura que os confronte e os delimite. A teoria parece negligenciar a linha tênue existente entre eles. Cabe, portanto, aos interessados pela discussão à ampliação do debate, assumindo os riscos da possibilidade de não se chegar a um denominador comum, porém, não os confrontar é negar ao Jornalismo a possibilidade de evolução como campo do conhecimento e como profissão.

É necessário colocá-los em diálogo. Para isto ser feito de forma coerente tem que ser abordado tanto a perspectiva teórica como prática. Eis a nossa pesquisa que tem por objetivo apreender das repórteres Ciara Carvalho, Mariana Dantas e Priscila Miranda como percebem

---

<sup>1</sup> Aluno de Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. Email: pbezerranascimento@hotmail.com.

a problemática do relato humanizado versus sensacionalismo. Deste modo chama-se a atenção para um debate rico e carente de espaço no âmbito acadêmico e profissional.

Com relação à metodologia adotada, buscamos classificar quanto à natureza, aos objetivos e aos procedimentos, nos guiando pelo trabalho de Margarida Andrade (2010). Desta forma, quanto à natureza, é uma pesquisa de resumo de assunto – um tipo que não exige originalidade, mas claro, exige rigor científico e é fundamentada em trabalhos avançados que já foram publicados por especialistas no assunto.

No que se refere aos objetivos, trata-se de: Pesquisa exploratória, a qual tem como finalidade garantir maiores informações sobre um assunto ou mesmo descobrir um novo tipo de enfoque para um trabalho; e Pesquisa descritiva na qual se observa, registra, analisa, classifica e interpreta os fatos sem interferir neles.

Quanto aos procedimentos, a pesquisa é bibliográfica: caminho inicial para todo trabalho que engloba desde a localização da bibliografia adequada até a apresentação de um texto sistematizado, que reúne todas as leituras feitas pelo pesquisador, conforme Duarte e Barros (2011). Dito isto e considerando, sobretudo, os pressupostos teóricos de autores que traçam conceito e perspectivas sobre sensacionalismo, a exemplo, de Amaral (2006), Ramos (2012) e autores que se debruçam na busca de conceituação para o relato humanizado, como Lima (2009) e Montipó (2011), as ideias foram apresentadas de modo a ampliar o debate em torno do tema, no intuito mesmo de compreender estas duas formas que o jornalismo pode assumir.

Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas<sup>2</sup> individuais com abordagem em profundidade com três repórteres do grupo Jornal do Commercio: Ciara Carvalho, Mariana Dantas e Priscila Miranda. De acordo com Duarte e Barros (2011) esta é uma técnica qualitativa na qual se explora um assunto com o propósito de não somente colher informações e percepções, mas principalmente compreender como se dá a experiência dos entrevistados. A escolha desta técnica se deve ao fato do nosso objetivo ser apreender das jornalistas – que estão no mercado produzindo conteúdo se utilizando de uma narrativa mais sensível – o que compreendem por relato humanizado, e como este se manifesta diante do sensacionalismo.

No que se refere à tipologia das entrevistas, seguimos o modelo do tipo semi-aberta, uma vez que partimos de um roteiro-base<sup>3</sup>, o qual é composto por nove questões – que caracteriza um questionário estruturado.

---

<sup>2</sup> Por motivos operacionais as entrevistas se deram através de e-mail e áudios enviados pelo aplicativo *WhatsApp*.

<sup>3</sup> Disponível no apêndice deste trabalho.

## 2. OBJETIVIDADE, IMPARCIALIDADE E ÉTICA: O JORNALISMO E SUA FUNÇÃO SOCIAL

“Além de informar – entenda-se documentar, avisar, comunicar, inteirar, noticiar – o jornalismo também pode instruir, ou seja, orientar”, é o que acredita a pesquisadora Montipó (2009, p. 6). A profissão tem um papel imprescindível na sociedade, uma vez que ao mesmo tempo em que informa forma opinião. Portanto, levar informação às pessoas de forma objetiva, imparcial e ética continuará sendo, por muito tempo, o desafio do jornalismo. Um de seus fatores cruciais é a rapidez, a instantaneidade. Faz-se necessário a difusão da notícia de maneira completa (precisa), e, de forma rápida, afinal de contas não se pode desperdiçar tempo, e muito menos em se tratando de informação – matéria prima da profissão. Porém, não é pelo fato de haver a exigência de velocidade/instantaneidade que o jornalista se exime de reportar, disseminar informação de modo claro e objetivo.

Muitos autores salientam a complexidade que há em volta da “objetividade jornalística”, contrapondo-a a subjetividade. Karam (2004) simplifica, afirmando que a objetividade do relato é resultado que revela um conjunto de ações de “sujeitos subjetivos” que se tornam objetivos. Já Nascimento (2001) ousa tomar a objetividade puramente dita como um “ideal” impossível de ser alcançado, de ser atingido em sua totalidade. Para a autora o que se pratica no jornalismo deve ser chamado de pseudo-objetividade: uma objetividade entre aspas.

Nascimento (2001, p. 53) não descarta a necessidade deste critério, que diz respeito à forma de abordar e reportar um fato noticioso: “a objetividade é entendida no que concerne à prática, na característica inerente à notícia”. O repórter passa a retratar a realidade de modo simplificado, o que não significa o mesmo que simplista. Quer dizer, objetividade no jornalismo se refere ao fato em si e a forma mais direta possível de noticiá-lo. Cabe aqui, mais uma vez, a contribuição de Karam (2004, p. 46) para quem “[ser objetivo] é, enfim, dizer o que é... É apresentar, mesmo que por estatísticas, dados, opiniões de especialistas, estudos, o mundo tal como é, para que daí se deduzam razões e consequências”.

Com relação ao fato jornalístico, Arbex Júnior (2002, p. 105), compreende que este “é sempre visto como um objeto fixo no tempo e no espaço, uma coisa unitária, como um bloco de argila, encerrado em si mesmo, jamais afetado pelo olhar do observador”. No entanto, segundo o autor, essa visão é de certa forma utópica, remetendo, inclusive, “[...] a ideia da arte romântica do século XIX, quando a “verdade” da imagem dependia de seu grau de fidelidade à paisagem observada” (ARBEX JUNIOR, 2002, p.104).

Voltando à objetividade, vale mencionar que para a sua efetivação é importante recorrer ao suporte de outros critérios como a imparcialidade e a ética na construção da notícia. Entendendo por imparcialidade o compromisso ético que o jornalista deve ter para com o fato/acontecimento, tratando todos os envolvidos com o mesmo teor de igualdade, dando, portanto, o mesmo espaço e as mesmas condições a cada parte independentemente; em outras palavras, o bom profissional não deve ser seletista. Aqui exploramos a imparcialidade como suporte e requisito indispensável para a prática jornalística se efetivar de maneira objetiva e isenta, respeitando, deste modo, aos manuais de jornalismo.

De acordo com Nascimento (2001, p. 53), a imparcialidade está diretamente ligada à forma de exercer a profissão, se abstendo de fazer qualquer juízo de valor, se atendo apenas ao acontecimento que reporta: “A imparcialidade cobra do jornalista um confronto com o fato, sem paixões ou tendências, a fim de que se mantenha fiel”. Para além dessa explicação, a autora defende o entendimento da imparcialidade de duas formas; uma que diz respeito ao distanciamento no intuito de proteger o profissional de interferir no contexto; e outra que cabe ao comportamento e compromisso ético deste profissional de se ater à verdade do fato e não praticar favorecimento a qualquer tipo de interesse.

“A ética, tendo por objeto de estudo a ação humana, encontra-se entre os saberes de maior importância, seja para compreensão do homem em si, seja para a compreensão da sociedade e de seus fenômenos” (BITTAR, 2002, p. 07). Ética é um ponto muito complexo, não apenas para esta discussão, mas para toda e qualquer abordagem que envolva o tema e é impossível falarmos em jornalismo e não mencioná-la.

Se compreendermos ética profissional como “conjunto de regras morais de conduta que o indivíduo deve observar em sua atividade, no sentido de valorizar a profissão e bem servir aos que dela dependem” (SIDOU *apud* BITTAR, 2002, p.363), inferimos que no jornalismo, imprescindivelmente, o profissional deve se revestir dela para bem alimentar aqueles que carecem da informação. No ponto de vista de Chaparro (2007), devido à ação jornalística esgotar-se na finalidade de informar, ela necessita de um princípio ético ou valor moral para escolher e administrar as técnicas do fazer jornalístico.

Para melhor entendimento acerca do assunto o referido autor chama a atenção para a diferença entre Ética e Moral. Enquanto esta é “a disciplina que estuda e regulamenta as ações do comportamento humano”, Ética é “a teoria ou ciência que estuda esse comportamento” (CHAPARRO, 2007, p. 34). Em se tratando da profissão do jornalista, o autor estabelece os seguintes pontos: primeiro, o “Jornalismo é um processo social de ações consciente”, que tanto são controlados como controláveis, portanto, uma combinação de ação e intenção.

Segundo ponto: justamente pelo fato das ações serem conscientes, intencionadas, controláveis, todo repórter deve ser o responsável moral por suas ações. E terceiro: “se uma intenção se refere unicamente à execução de um fazer, então as intenções dos fazeres jornalísticos estão necessariamente vinculadas aos motivos éticos próprios do jornalismo” (CHAPARRO, 2007, p. 33).

O jornalismo alcança sua dimensão maior quando consegue informar se utilizando da objetividade, da imparcialidade e da ética. É válido ressaltar que estes elementos não são exclusivos do jornalismo factual diário; tais critérios devem ser elementos norteadores para outros textos de caráter noticioso (escritos ou falados) como as grandes reportagem ou reportagens especiais. Apreendemos ainda, que mesmo a Constituição assegurando a liberdade de expressão a todo e qualquer indivíduo, o profissional de comunicação – principalmente – deve observar os preceitos do código de ética do jornalismo, que regula o campo de sua atuação, seguindo a máxima de que “tudo é permitido, mas nem tudo convém”.

### **3. SENSACIONALISMO: REVISITANDO CONCEITOS**

Sensacionalismo para o senso comum remete aos extremos, ao exagero e mexe com o inconsciente do público, despertando várias sensações – geralmente negativas, portanto, para abrir a discussão acerca deste tema poderia se usar a seguinte descrição: “[...] produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato. Em casos mais específicos, inexistente a relação com qualquer fato e a ‘notícia’ é elaborada como mero exercício ficcional” (AGRIMANI *apud* ALMEIDA, 2007, p. 13). Para o senso comum as produções sensacionalistas são aquelas do tipo “espreme que sai sangue” e ponto.

Amaral (2006, p. 20) infere que todo jornal é sensacionalista, porque pretende conquistar/prender o leitor em busca de venda. Afirma que a única coisa que diferencia um jornal deste tipo de outro definido como “sério” é apenas a intensidade. Sendo assim, a busca por “lucro financeiro” irá se sobressair [também em se tratando de comunicação], logo “o sensacionalismo é o grau mais radical de mercantilização da informação”.

A referida autora lembra que para muitos, o jornalismo voltado para as classes populares é sinônimo de sensacionalismo e, portanto, para abordar esse segmento de jornais faz-se necessário visitar o rótulo, o conceito do que seria essa prática. Contudo, segundo ela, os jornais populares “seguem com capas chamativas e a violência permanece como assunto, mas os cadáveres são cada vez mais raros” e “no lugar da linguagem chula, da escatologia e das matérias inventadas, os jornais buscam a linguagem simples, o didatismo, a prestação de

serviços e, pasmem, a credibilidade” (AMARAL, 2006, p. 10). Mais adiante a autora traz exemplos de premiações dos jornais populares, o que deixa implícito que na sua visão o jornalismo destinado às populações mais pobre pode promover transformação da sociedade – efetivando, assim, a função social do Jornalismo. Porém, faz uma ressalva: “Evidentemente, essa mudança de rumo não significa que os jornais populares agora sejam de qualidade ou não mereçam uma análise crítica, mas indica que precisam ser vistos com outros olhos” (AMARAL, 2006, p. 10).

Ainda de acordo com Amaral (2006, p. 11), na universidade o segmento popular era estigmatizado como “antijornalismo”, “lixo” e “degradação cultural”, o que fazia com que dificilmente se configurasse em objeto de estudos e pesquisas, e esse, aliás, foi um dos motivos que a impulsionou a pesquisar. Ela deixa claro que o objetivo de seu livro é “discutir o velho conceito de sensacionalismo e mostrar a evolução de um mercado importante para a mídia impressa”. Sua obra tem por título “Jornalismo popular”, no entanto, reconhece que nem sempre a prática desses segmentos se configura em jornalismo.

A autora enfatiza que busca não usar a nomenclatura sensacionalismo e sim, jornalismo popular, por ser menos preconceituosa. Fazendo isso, valida a inferência de Ramos (2012, p. 11) que é taxativo ao afirmar que alguns livros de Teoria do Jornalismo tentam negar a todo custo o sensacionalismo, o que de acordo com ele, seria um grande erro: “cabe substituí-lo por um outro termo, qualquer um, que possa ter um sentido mais eufêmico”.

Amaral (2006, p.13) separa o jornalismo popular daquele feito para as classes A e B, afirmando que este último volta seu discurso para questões de interesse público, enquanto o popular é pautado pelo interesse do público:

A imprensa considerada “mais séria”, destinada às classes A e B, precisa legitimar-se entre os formadores de opinião e, por isso, aborda temas classificados como mais relevantes. A imprensa que pretende conquistar o leitor das classes C, D e E dá mais atenção às matérias de interesse desse público.

Entretanto, salienta que é preciso atenção especial com esse caminho de popularização, sobretudo no que diz respeito “à excessiva dramatização, à priorização do interesse do público em detrimento do interesse público e à representação das pessoas do povo como vítimas ou meros consumidores”. Mas também acredita que é possível se fazer jornalismo popular de qualidade, “afinal, esse é um segmento importante porque democratiza a informação jornalística para setores da população com baixa escolaridade e amplia as oportunidades de trabalho para jornalistas” (AMARAL, 2006, p. 14).

Claro que o rótulo de sensacionalista adquirido por alguns produtos e/ou veículos não é algo novo. Pelo contrário, de acordo com a autora, a prática sempre permeou os jornais, a exemplo do que se praticava na França no século XIX nos jornais populares em que as matérias sensacionalistas sobre catástrofes e violência eram as que mais faziam sucesso.

Com o tempo esta característica tornou-se recorrente em praticamente todos os veículos, o que se deu na intenção, por parte das empresas de comunicação, de aproximar-se das camadas mais pobres da sociedade, buscando falar a linguagem e retratar a realidade daquele público. Viu-se surgir um jornalismo “popular”, com essência sensacionalista, tratando basicamente de assuntos relacionados à violência, sexo, suicídios e dramas familiares, no intuito de retratar o dia a dia das comunidades: “todos os episódios sensacionais do cotidiano eram relatados extensamente para assegurar a fidelidade do público” (AMARAL, 2006, p. 17).

A autora revela que o primeiro jornal americano, surgido no ano de 1690, o *Publick Occurrence*, já apresentava aspectos sensacionalistas, porém, foi no final do século XIV que a imprensa se voltou de fato para esse tipo de conteúdo. A difusão de tal estilo veio com as novas técnicas de impressão – tecnologia. Além do mais, o surgimento do sistema de educação pública fez com que emergisse um novo público leitor. E assim, “muitos jornais, limitados à política, passam a tratar de temas de interesse humano como o relato detalhado de feitos reais, crimes e dramas de família. Deixaram os artigos opinativos de lado e buscaram retratar o cotidiano da população” (AMARAL, 2006, p. 17). Ou seja, surgia um tipo de jornal voltado para a massa.

A partir do *New York Sun*, de 1833, que tinha por slogan “brilha para todos”, os jornais tradicionais que eram tediosos foram sendo substituídos por notícias sobre tragédias e dramas, assassinatos, suicídios, incêndios. No *Sun* todos os fatos sensacionais que ocorriam no cotidiano eram relatados excessivamente só para prender o máximo possível a atenção do público.

Outros jornais americanos, como o *New York Herald* (1887), dirigido por James Gordon Bennet, foram acusados de “lepra moral” pelo seu entretenimento barato baseado em histórias de divórcios, estupros, pecados, assassinatos brutais e fofocas sobre sacerdotes. O marco do jornalismo sensacionalista americano foi a década de 1880, com o lançamento dos jornais de Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst: o *New York World* e o *Morning Journal*. Ambos tinham preços baixos e publicavam dramas ilustrados com títulos chamativos. Os jornais utilizavam manchetes escandalosas em corpo tipográfico largo; publicavam notícias sem importância, informações distorcidas; provocavam fraudes de todos os tipos, como falsas entrevistas e histórias e também quadrinhos coloridos e artigos superficiais (AMARAL, 2006, p. 17-18).

Enquanto nos Estados Unidos as produções sensacionalistas eram conhecidas como “imprensa amarela”, devido ao *New York World* ter um personagem de história em quadrinhos com o nome *Yellow Kid* que usava uma camisa dessa cor, no Brasil o termo foi substituído por “imprensa marrom”. A substituição se deu, de acordo com Amaral (2006), a partir do uso da expressão no Jornal da Noite (RJ), no ano de 1960. A autora menciona uma entrevista com o jornalista Alberto Dines que relaciona o marrom à “cor de merda”. Ramos (2012, p. 22-23) também destaca esse fato marcante na história do sensacionalismo no país: “Em 1960, o Diário da Noite preparava a manchete sobre o suicídio de um rapaz que fora chantageado pelas revistas da Imprensa Amarela. O então chefe de redação, Francisco Calazans, alegou que “na minha terra, amarelo é cor alegre; põe marrom”.

Conforme Amaral (2006, p. 21):

O sensacionalismo tem servido para caracterizar inúmeras estratégias da mídia em geral, como a superposição do interesse público; a exploração do sofrimento humano; a simplificação; a deformação; a banalização da violência, da sexualidade e do consumo; a ridicularização das pessoas humildes; o mau gosto; a ocultação de fatos públicos relevantes; a fragmentação e descontextualização do fato; o denunciamento; os prejulgamentos e a invasão de privacidade tanto de pessoas pobres como de celebridades, entre tantas outras.

Contudo, segundo ela, essa noção que por muito tempo serviu de “[...] explicação da estratégia dos produtos populares, está ultrapassada” (AMARAL, 2006, p.21), e reconhece que o sensacionalismo pode se manifestar de várias maneiras. Dito isto, desemboca no pensamento de Roberto Ramos (2012), autor que tem uma visão mais ampliada do tema, defendendo, sobretudo, que existem sensacionalismos dentro do sensacionalismo. Para chegar a esta conclusão, na sua obra “Os sensacionalismos do sensacionalismo: uma leitura dos discursos midiáticos”<sup>4</sup>, ele faz uma análise dos diferentes produtos da mídia impressa e eletrônica: *Revista Seleções*, *Reality show Casa dos Artistas III* e os telejornais *Aqui*, *Agora* e o *Jornal Nacional*.

De acordo com ele (2012, p. 37), apesar dos esforços de alguns teóricos e suas contribuições, o sensacionalismo continua a ser denegado como algo inferior e não ultrapassa o estereótipo de “expressão subalterna da Mídia [...]”. O autor vai além ao levantar a hipótese de que, possivelmente, essa imagem seja reforçada nos próprios estudos acerca do tema, pois “encontram-se, em geral, inscritos e circunscritos a um maniqueísmo”, aonde de um lado se encontram “as práticas sensacionalistas” enquanto do outro “as não sensacionalistas”. E,

---

<sup>4</sup> Resultado de sua pesquisa de Pós-doutorado.



portanto, não passam de estudos excludentes, uma vez que “não possuem possibilidade de inclusão”.

Ramos (2012, p. 12) salienta que a diversidade de códigos existentes entre os diferentes tipos de produtos – *Revista Seleções*, *Reality show Casa dos Artistas III* e os telejornais *Aqui*, *Agora* e *Jornal Nacional* – que se propôs a analisar, não comprometem a produção analítica, uma vez que não está presa a uma abordagem linear. Logo, a diversidade é reconhecida e aceita, pois: “não há a dissociação entre o imagético, o escrito e o oral. Não se encontram fragmentados. Estão em permanentes diálogos”.

Para a referida análise o autor abre um leque maior de como visualizar e perceber o sensacionalismo em diferentes produtos da mídia, mas antecipa que a resposta para a pergunta “o que é sensacionalismo?” é “parcial e incompleta”. É como se as tentativas de respostas feitas por outros teóricos tivessem “[...] inviabilizado uma teoria madura do Sensacionalismo que possa ensejar a dialogicidade” (RAMOS, 2012, p. 37-38). Segundo o autor, é urgente colocá-lo em diálogo, até mesmo com seu oposto: o não sensacionalismo. E justifica essa afirmação da seguinte forma: “o conceito, maximizado, fechado em seu próprio sentido único, absolutiza-se. Parece tornar-se uma via de mão única. Esvazia-se de sua historicidade. Pode se converter em mais uma Tautologia na vitrine redutora dos sentidos” (RAMOS, 2012, p. 38).

A partir de um percurso teórico que é elaborado com base nos estudos do semiólogo Roland Barthes e da apropriação do Paradigma da Complexidade de Edgar Morin é que Ramos (2012) realiza seu estudo: “a pesquisa será sustentada, teoricamente, pelas categorias, a priori, da Comunicação, de Morin, tendo como subcategorias, o Discurso, Estereótipo, *Fait Divers*, Cultura e Socioleto, de Barthes, e Sujeito, de Morin” (RAMOS, 2012, p.39). E esclarece:

Vamos percorrer diferentes salas e corredores da Mídia eletrônica e impressa com uma perspectiva. O Sensacionalismo não é apenas uma linearidade conceitual, rubricada pela Consciência, em sua retórica denotativa. Não é, também, uma encenação maniqueísta, como vintém de legitimação midiática, como pretende vender a Cultura do Positivismo, com a sua tessitura oficialista (RAMOS, 2012, p. 12).

Partindo das leituras de Barthes e Morin, o autor apresenta algumas formas de classificação, através das quais ficaria mais fácil identificar como o sensacionalismo acontece. Começando pela concepção de Comunicação, enfatiza: “significa compartilhar, tornar comuns os signos, sob o formato de informação, como um fenômeno ambivalente” (RAMOS, 2012, p.39). Ainda segundo o autor, a comunicação não deve ser tomada enquanto sinônimo de

compreensão, uma vez que esta “transita pelas vias da simpatia no perímetro das questões subjetivas”, e, “a Comunicação está associada ao processo informativo” (2012, p.40).

Ao percorrer o caminho empreendido por Barthes ao estudar o Discurso, Ramos (2012, p.40) faz a seguinte analogia “é a relação da mutabilidade do Código com as mutações da Fala, tecida, ludicamente, tal qual o jogo de dominó”. Sobre a categorização do semiólogo a respeito do Discurso, o autor afirma que existe uma articulação no sentido linguístico da discursividade<sup>5</sup> que se concretiza nos signos, e também a articulação translinguístico na dimensão sócio histórica. Por isso, entende o Discurso enquanto “um jogo complexo dos signos” com seus significantes “verbais e não verbais”.

Debruçando-se sobre Barthes, Ramos (2012, p. 40) infere que o Discurso “está relacionado com a história inteira do homem e não somente com a história política”. Barthes para compreender o Discurso se utiliza ainda da percepção de Imagem, pontuando que ela: “é impactante”, “tem repercussão imediata”, “mexe com as emoções”, “parece tocar o intangível do desejo e dos processos inconscientes” e por isso é “polissêmica”; e a percepção de Palavra (2012, p.42) que é “menos impactante”, “repercute menos”, “parece caminhar por outro segmento” logo, é o oposto da Imagem, mas, segundo o autor, uma parece depender da existência da outra: “a Imagem precisa, em sua pluralidade de sentido, de uma estabilidade. A Palavra, em suas pronúncias conscientes, necessita de volúpia e da inconstância, próprias da Imagem. Ambas conversam; ambas se compreendem. Relacionam-se e se inter-relacionam” (2012, p. 43).

Com relação ao Estereótipo, Barthes (*apud* RAMOS, 2012, p. 42) o concebe enquanto “uma prótese de linguagem” que “abrange a figura do rótulo classificatório, que usa, como recurso, a Palavra e a Imagem repetidas. Representa um fechamento do sentido, que não proporciona a reflexão”. O estereótipo está relacionado ao senso comum e, segundo o autor, na concepção barthesiana, ele é o rótulo classificatório.

Morin, revisitado por Ramos (2012), percebe o *Fait Divers* naqueles acontecimentos incertos, justificáveis pelo seu caráter emocional em que o Sensacionalismo é que dá o tom. Barthes (1971, p. 263 *apud* RAMOS, 2012, p. 43-44) vai além, estabelece o seguinte conceito para *Fait Divers*: “É uma informação monstruosa, análoga a todos os fatos excepcionais ou insignificantes, em resumo anômicos, que, normalmente, classificamos na rubrica da Varia”.

---

<sup>5</sup> “A discursividade é uma síntese que congrega a Palavra, escrita e oral, e a Imagem, em suas relações de exclusão e de inclusão, em suas divergências e em suas convergências. Ambas, como signos dialogam. Em suas distâncias, compartilham as suas aproximações. Assumem as suas características, indissociáveis, de complementaridade” (RAMOS, 2012, p. 40-41).

Desta forma, o autor sugere que o *Fait Divers* está presente na contemporaneidade em diferentes editoriais e ganha corpo tanto na mídia impressa quanto eletrônica.

Para ele, Barthes transgrediu o perímetro conceitual ao arranjar para o *Fait Divers* uma tipologia organizada em dois tipos: Causalidade e Coincidência. As quais “se subdividem em subtipos, direcionados para a compreensão da excepcionalidade, introdutora da noção de conflito”. Ramos (2012, p. 44) traz essa conceituação empreendida por Barthes da seguinte maneira: primeiramente o *Fait Divers* de Causalidade que se divide em:

- a) Causa Perturbada: há o desconhecimento causal ou quando uma pequena causa provoca um grande efeito- ao desconhecimento e à imprecisão causais;
- b) Causa Esperada: quando a causa é normal, a ênfase recai nas Personagens Dramáticas – crianças, mãe e idoso.

A excepcionalidade na Causa Perturbada se localiza no motivo da factualidade, no porquê. Há efeito, mas a causa não é conhecida ou então é imprecisa, deformada ou ilógica. Seja como for, existe um situação conflituosa, que “pode interpelar e obter reconhecimento não apenas pelo dito, mas, primordialmente, pela forma de dizer. Ocorre a representação do sentido complexo da subjetividade” (RAMOS, 2012, p. 45).

Já na Causa Esperada, a excepcionalidade se desloca para os protagonistas: “responsáveis pela instauração do conflito”. A dramaticidade recai sobre os seguintes tipos básicos de sujeitos: criança, mãe e idoso. Tais personagens representam a pureza e fragilidades humanas, que decodificam “o bem”, e por suas próprias características estão revestidos de circunstâncias dramáticas.

O segundo tipo, proposto por Barthes é o *Fait Divers* de Coincidência que se subdivide em Repetição e Antítese:

- a) Repetição: é o igual, que se reproduz como diferença, conforme Lacan [...], no âmbito de uma matéria jornalística;
- b) Antítese: duas perspectivas diferentes, distantes, antagônicas, são fundidas em uma única realidade. Uma de suas formas de expressão é o Cúmulo (a má sorte), figura da Tragédia Grega. (RAMOS, 2012, p. 46-47).

A Coincidência assegura ao homem a isenção de culpa, lhe permite conforto ao ver na Fatalidade a desculpa para seus atos irresponsáveis. Nessa lógica, tanto a Antítese como a Repetição “estabelecem a Coincidência, reproduzindo a linguagem trágica, [...], tal qual faz a Causalidade em sua dimensão, sobretudo, dramática. Mesmo com outras particularidades, agora, também, o caminho é igual: a Fatalidade, como Sujeito Absoluto, para desatar os nós coincidentes” (RAMOS, 2012, p. 47-48).

Inferimos que na concepção de Barthes, trazida pelo na Causalidade impera o Drama enquanto na Coincidência prevalece a Tragédia, e, ambas têm como sujeito supremo a

Fatalidade. Na estrutura proposta pelo semiólogo Roland Barthes, Ramos (2012, p. 48) reforça que o mais importante, contudo, não é o dito, mas a forma de dizer. De acordo com ele, não há uma estrutura pura e “em qualquer *Fait Divers*, é possível encontrarmos características simultâneas de Causalidade e de Coincidência em interação”.

O autor lembra que Barthes pontua que o *Fait Divers* é consumido de forma imediata e pode aparecer tanto no tratamento da realidade como da ficção, seja em telenovelas, telejornais, *talk shows*, programas de humor, noticiário e na Publicidade. Para o nosso autor, o *Fait Divers* é puramente sensacionalista, seja pela categoria de Causalidade ou Coincidência, propostas por Barthes, pois “interpela pela emoção” (RAMOS, 2012, p. 49). Sendo assim, se em um trabalho jornalístico existe o *Fait Divers*, logo, neste trabalho há Sensacionalismo.

Com relação à Cultura, Ramos (2012, p.51) esclarece: “pelo olhar barthesiano, está relacionada às práticas languageiras. É um dos recursos básicos para a capacidade de refletir, de ser e de viver, sendo constituinte e constituída pela produção das subjetividades humanas”. Pontua ainda que Barthes desenvolveu uma abordagem crítica a cerca da Cultura de massa, o que denuncia a influência da Escola de Frankfurt sobre o semiólogo. Já no que se refere ao Sujeito o autor vai buscar em Morin, sua concepção: “é a parte e o mundo, o todo”; a singularidade é que dita sua configuração, ou usando as palavras do autor ao citar Morin “cada indivíduo é um sujeito único e original, não por ser um indivíduo, mas por existir a partir de um intertexto, que é próprio da sua vida” (MORIN, 2001, p. 129-130 *apud* RAMOS 2012, p. 50).

E é a partir deste “olhar teórico”, mais a metodologia que se baseia no Paradigma da Complexidade, de Edgar Morin, que Ramos (2012) analisa os discursos das mídias, já mencionadas, e, afirma e comprova, à luz da teoria, que o Sensacionalismo pode assumir diversas formas. A diferença entre o autor e outros, a exemplo de Pedrosa (2001), citada por ele; e Amaral (2006), é a concepção de que o sensacionalismo não se limita apenas ao jornalismo policial, ou voltado para as classes populares, portanto, não é algo muito pontual como acreditam outrem.

Ramos (2012) percebe o sensacionalismo como algo mais detalhado e menos óbvio; afirma que pode estar presente em produtos que não se propõem a ser sensacionalista como o Jornal Nacional, por exemplo. Para ele, o sensacionalismo é algo que se apresenta na sua singularidade como uma pluralidade. A isto é que chama de sensacionalismos do Sensacionalismo.

#### **4. MAIS QUE NOTÍCIAS, HISTÓRIAS: A HUMANIZAÇÃO NO RELATO JORNALÍSTICO**

Lima (2009) percebe como saída para o jornalismo, um jeito novo de narrar os fatos, afirmando que este jeito deve transitar pela aproximação às formas narrativas das artes. Entendendo como narrativa o relato de uma série de acontecimentos trazidos em uma sequência que envolva, seduza o leitor e o leve a “um novo patamar de compreensão do mundo que o rodeia e, tanto quanto possível, de si mesmo, pelo espelho que encontra nos seus semelhantes retratados pelo relato” (LIMA, 2009, p. 138).

Concordando com o autor, Medina (2003, p. 36) alerta para o problema advindo com adoção da pirâmide invertida – a partir do século XIX, ocasionado pela modernização técnica e tecnológica – vendo tal método como insuficiente para atender a complexidade de um relato sobre as questões humanas: “de acordo com parâmetros éticos universais, esta gramática jornalística não dá conta das demandas coletivas”. A afirmação de Medina desemboca no que infere Montipó (2011), para quem o modelo atual do jornalismo empobreceu a narrativa, e compromete a compreensão da inteireza dos fatos, privando o público de conhecer, mesmo que de forma limitada, a realidade na qual está inserido.

De acordo com a autora, na contemporaneidade, a maioria dos veículos de comunicação acredita que para informar é preciso poucas linhas, uma vez que a palavra de ordem é instantaneidade. Contudo, “esse jornalismo é sem profundidade. Não há pesquisa, não há impressões, não há relato. Assim sendo, pouco transforma” (MONTIPÓ e FARAH, 2009, p. 2). Ela é ainda mais enfática ao afirmar que existem assuntos interessantes e delicados demais, e por isso mesmo não podem ser tratados nas 20 linhas de uma notícia, e “precisam de mais espaço, de mais pesquisa, de maior corpo. Não somente isso. Precisam de alma, de coração, para narrar as histórias” (MONTIPÓ e FARAH, 2009, p. 8).

Para se produzir um texto mais rico, no sentido de detalhes, desdobramento e informações que auxiliem na compreensão, é imprescindível usar da criatividade e reportar de forma humanizada. Entretanto, para dar este caráter humanizado à narrativa – que de acordo com Sodré e Ferrari (1986, p. 11) “é todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado” – o jornalista não precisa obrigatoriamente, despir-se das técnicas aprendidas na academia. Não tem que

deixar de lado os elementos que compõem o lead <sup>6</sup>; ele precisa, sim, ir além; sair da superfície do relato jornalístico factual e neste movimento mergulhar no mundo dos sentidos.

Essa proposta sem dúvidas é desafiadora para a profissão, principalmente porque tanto os novos recursos quanto à própria comunicação estão cada vez mais velozes, e por isso mesmo pede “simplificação”. Entende-se que tudo começa na hora de perceber os fatos e eventos cotidianos; na forma de enxergar o outro – que não se trata apenas de uma fonte, mas uma pessoa constituída de humanidade, particularidades, objetivos, sonhos. Lima (2009, p. 361) reforça:

Onde há a pessoa humana, pode haver uma história maravilhosa a ser contada, mesmo que os primeiros indícios sejam desestimulantes. O olhar e o escrutínio do autor é que fazem a diferença. Mas a descoberta do tesouro escondido na pedra bruta exige tempo, paciência, determinação.

Esta postura possibilita ao jornalista ter nas mãos a oportunidade de apresentar o público com um recorte do real de forma humanizada, uma vez que este público confia que o jornalista está lhe trazendo o “retrato fiel” do fato – que de algum modo lhe interessa –, e que ele enquanto “simples” ator e espectador da vida real, não tem a possibilidade de investigar por conta própria. Em outras palavras, “o jornalista tem uma delegação ou representação implícita que o autoriza a ser os ouvidos e os olhos remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante” (LAGE 2002 *apud* MONTIPÓ e FARAH, 2009, p. 5).

É importante salientar que quando falamos em relato humanizado estamos nos referindo aos aspectos que dizem respeito ao aprofundamento na realidade das personagens, dando-lhes espaço, tratando-as como pessoas humanas e não apenas como fonte de informação. No relato humanizado faz-se uma abordagem verticalizada, que nada mais é do que humanizar a narrativa no sentido de sair da horizontalização do relato, conforme Lima (2009), fugindo, portanto, do superficial, do visível ao olhar ligeiro.

O profissional se utiliza de uma linguagem voltada para a humanização do relato jornalístico não apenas para sensibilizar, mas principalmente, ampliar a compreensão do público sobre a realidade na qual está inserido, modificando e sendo modificado por ela, e, deste modo, segundo Montipó e Farah (2009, p. 3), o trabalho jornalístico pode “se tornar uma ferramenta de divulgação das ações humanas para a construção de uma sociedade igualitária”.

O texto que se utiliza do relato humanizado é característico do jornalismo literário<sup>7</sup>, e para Pena (2006, p.6):

---

<sup>6</sup> Responder no primeiro parágrafo as famosas perguntas: o quê, quem, quando, onde, como e por que.

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer amplamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos.

Em síntese, humanizar o relato é reconhecer e respeitar a condição humana das pessoas. Como bem destaca Lima (2009, p. 373), a humanização do relato jornalístico evita estereótipos e visa retratar as personagens como seres humanos, respeitando e reconhecendo sua inteireza complexa, com virtudes e imperfeições, logo, “humanizar, nesse sentido, inclui o próprio autor da narrativa”. Tudo isso vai depender muito da capacidade de escuta do repórter.

É por conta dessas particularidades que este tipo de narrativa exige empenho, paciência, sensibilidade do jornalista que precisa ter em mente que está fazendo jornalismo e, obviamente deve ser ético, imparcial e objetivo (ou “pseudo-objetivo”). Abre-se aqui um parêntese para explicar que o jornalista continuará sendo objetivo no que é inerente aos fatos, – como destacou Nascimento (2001) logo acima – porém, o texto, seja qual for seu formato, será subjetivo uma vez que esses fatos envolvem seres humanos, obviamente subjetivos e o profissional vai reportar de modo literário; humanizado; se aprofundando, o máximo possível, na história dos personagens.

Neste momento cai bem o depoimento da jornalista Fabiana Moraes no XIV Seminário Os Festejos Juninos no Contexto da Folkcomunicação e da Cultura Popular – realizado na Universidade Estadual da Paraíba<sup>8</sup> em 2017:

Primeiro que a gente não pode pensar em objetividade pura e simples. Toda objetividade carrega aspectos subjetivo e vice e versa. Objetividade não está separada de subjetividade, nem o contrário. Todas as vezes que eu estou escrevendo, atuando como jornalista ou como documentarista, enfim, os elementos subjetivos também estão ali. Eles sempre estiveram; a questão é que eles são negados muitas vezes. Então, trazê-los é uma maneira de talvez, eu conseguir dar conta de uma [forma] mais integral da narrativa dos fatos (MORAES, 2017).

---

<sup>7</sup> Modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura. Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização. Abrange distintos formatos narrativos, como o perfil e a reportagem temática, assim como seu estilo é aplicado na produção de narrativas de viagem, biografias, ensaio pessoal e outros formatos. É um fenômeno universal, embora tenha se consolidado melhor nos Estados Unidos. No Brasil, foram precursores Euclides da Cunha e João do Rio. Modalidade conhecida também como Jornalismo Narrativo, Literatura da Realidade, Literatura Criativa de Não Ficção. Disponível em <<http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/conceitos>> Acesso em 17 de out. de 2017.

<sup>8</sup> Disponível em: <[https://www.facebook.com/pg/folkcomuepb/videos/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/folkcomuepb/videos/?ref=page_internal)> Acesso em 22 de out de 2017.

Para tanto, como destacam Montipó e Farah (2009, p. 10): “[...] é preciso transpiração e esforço intelectual”. As autoras concebem o jornalismo a partir do relato humanizado como a possível salvação para o jornal impresso que como se sabe enfrenta uma séria crise. Por isso, o jornalismo [mas, não só o impresso] precisaria utilizar-se da “arte de contar histórias, como nos primórdios da comunicação”, e, assim, bebendo “da fonte inesgotável da literatura”, atrairia os leitores que migram constantemente para outros meios, deixando o jornal impresso cair no esquecimento. De acordo com elas (2009, p. 9) “a junção da literatura com o jornalismo seria, portanto, a ferramenta essencial para a compreensão, em plenitude, da vida humana”.

Na reportagem feita a partir do relato humanizado muito mais do que aparecer o que o personagem falou ou declarou, aparece o que não foi verbalizado, aquilo que foi gritado aos ouvidos do repórter pelos silêncios e pausas feitas quando as palavras não seriam capazes de informar. E deste modo, a narrativa acontece, mas para se efetivar depende exclusivamente da capacidade do narrador de impregnar um caráter impressionista ao texto, conforme destacam Sodré e Ferrari (1986).

## **5. RELATO HUMANIZADO *VERSUS* SENSACIONALISMO: O OLHAR DE QUEM REPORTA**

Ciara Núbia de Carvalho Alves, tem 44 anos, é natural da cidade de Bezerros, interior de Pernambuco e atualmente reside na capital do Estado. É formada em jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) desde 1995. Ainda no início da carreira recebeu um prêmio que a levou para Londres, Inglaterra. Tal prêmio incluía uma bolsa de estudos e um estágio na BBC onde passou um mês acompanhando a produção de conteúdo no canal voltado para notícias em português, para o público brasileiro. Ciara, que também se especializou em História Contemporânea, começou no Jornalismo como repórter do Jornal do Commercio, casa na qual trabalha há 20 anos e hoje é repórter especial.

Entre seus trabalhos, podemos destacar: “Feridas Abertas da Fome” – reportagem que traça um mapa da situação da escassez de comida na Região Nordeste; percorre todos os Estados mostrando a face de um país que ainda passa fome <sup>9</sup>; Especial “Pelo Menos Um” – projeto multimídia a respeito de garotos de rua de Caruaru, no Agreste de Pernambuco, que foram atendidos por uma ONG durante a infância. A reportagem resgata a vida desses garotos

---

<sup>9</sup> O especial foi publicado tomando como gancho o centenário de vida do médico e geógrafo Josué de Castro



de 10 anos após a passagem por essa ONG; e, “Agreste Seco”<sup>10</sup> – Especial sobre os efeitos da mais grave seca que atingiu Pernambuco e o Nordeste, nos últimos 60 anos, que, aliás, levou o prêmio Cristina Tavares de Jornalismo 2017<sup>11</sup>. Estes são alguns dos trabalhos mais notáveis da repórter.

Graduada em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) em 2005, Mariana Dantas Costa Videira atua como repórter no Sistema Jornal do Comercio de Comunicação (SJCC) e no Portal NE10 desde 2010. Entre os trabalhos e empresas pelas quais passou se destacam: chefe de reportagem e editora do Diário Oficial, onde permaneceu por cinco anos; em 2010 chegou a trabalhar na produção de guia eleitoral em campanha para o governo do Amazonas, por três meses; além do estágio de um ano e meio também no SJCC, entre 2004 e 2005. Entre seus trabalhos mais conhecidos se destacam: “Cisternas da Discórdia”<sup>12</sup>, que denuncia a problemática da falta d’água no Sertão de Pernambuco em virtude dos descumprimentos de prazos, atraso na implantação das cisternas do Programa Água para todos do Governo Federal; superfaturamento e corrupção; o especial foi premiado com o Petrobrás; Tim Lopes e Líbero Badaró; “Por trás do Muro” e “Foi mais que 7x1”, publicadas em 04 de janeiro de 2013, 06 de maio de 2013 e 13 de julho de 2015, respectivamente, no Portal NE10.

Priscila de Miranda Coelho é recifense, formada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) desde 2013. Já trabalhou com assessoria e estagiou no G1 Pernambuco como repórter. Hoje atua no Portal NE10 do Sistema Jornal do Comercio de Comunicação, empresa na qual está desde 2012, quando começou como repórter estagiária do JC Online. Atualmente desempenha esta mesma função. Do primeiro estágio até o presente, Priscila tem sete anos de experiência em comunicação. É uma repórter jovem com trabalhos significativos que rende reconhecimento e, inclusive, garantiu classificação em prêmios de Jornalismo ao SJCC, como a reportagem especial “Conversa sobre o invisível”<sup>13</sup> (Portal NE10/2016) – que conta a história de cinco mulheres cegas que não se renderam diante de suas limitações, mas as superam a cada dia, e por isso servem de inspiração – indicada ao 23º Prêmio Cristina Tavares de Jornalismo, na categoria Internet, em 2017.

---

<sup>10</sup> Publicados no Portal NE10 em 05 de setembro de 2008, julho de 2013 e 27 de novembro de 2016, respectivamente.

<sup>11</sup> Disponível em <<http://tvjornal.ne10.uol.com.br/noticia/ultimas/2017/07/10/agreste-seco-e-a-grande-vencedora-do-premio-cristina-tavares-31976.php>> Acesso em 06 de out de 2017.

<sup>12</sup> Disponível em <<http://especiais.ne10.uol.com.br/cisternas-da-discordia/index.html>> Acesso em 22 de mar de 2017.

<sup>13</sup> Disponível em <<http://especiais.ne10.uol.com.br/conversas-sobre-o-invisivel/>> Acesso em 15 de mar de 2017.

As repórteres Ciara Carvalho, Mariana Dantas e Priscila Miranda se dispuseram em colaborar com esta pesquisa. Responderam a nove perguntas sobre a problemática do relato humanizado versus sensacionalismo, falando de suas impressões e experiências. As três concordam que existe a necessidade de os confrontar e que a discussão é válida e legítima.

Quando perguntadas sobre como e quando pensam a forma de escrever uma reportagem, as três afirmam que depende da pauta, do tema e, principalmente, do que irão encontrar no momento da apuração:

[...] Eu primeiro apuro para depois pensar. Quando você vai para a rua e volta com material, sempre muda. [...] Às vezes, a gente vê que o conteúdo é maior do que o que a gente tinha planejado (DANTAS, 2017).

Muitas vezes, diante da rotina corrida de uma redação de jornal, eu tento pré organizar o que vou precisar contar com aquela pauta, mas já aconteceu muito de, ao apurar o conteúdo, perceber que devo acrescentar algo ou até ir por outro caminho (MIRANDA, 2017).

Como você vai contar essa história tem uma relação muito grande com a apuração. [...] Você pode ter uma ideia na cabeça de como seria a melhor forma de contar, mas de fato você só vai ter plena consciência; esse caminho só vai ser traçado de fato a partir das observações e da coleta de informações que a rua vai te trazer. É a apuração, é a conversa com a fonte, com os personagens; é o contato com essa informação que vai te dizer qual é o melhor caminho (CARVALHO, 2017).

Logo, infere-se que a escolha de produzir uma matéria a partir de uma narrativa mais sensível não está ligada ao perfil do profissional apenas, pois, existe a necessidade de adequação ao tema e ao material coletado. É preciso saber se este vai dar subsídio para a construção de uma narrativa mais densa, aprofundada e humanizada, antes de definir a maneira de reportar. Aliás, sobre este quesito as três defendem que não se humaniza a narrativa para comover o leitor. Segundo elas, não é algo pensado com esta finalidade, e sim, a melhor forma de reportar:

Eu acho que a forma como você escreve é como você vê o mundo. E eu não concebo o jornalismo sem ser demasiado humano. Isso diz respeito, no meu caso, na minha compreensão de mundo, nem só ao jornalismo. Então pra mim é absolutamente natural, é absolutamente orgânico ter um olhar humanizado sobre qualquer coisa que eu escreva. Eu não vejo sentido em escrever sobre algo que não capte a essência do ser humano, as suas necessidades, as suas dificuldades (CARVALHO, 2017).

[...] O humanismo deve ser intrínseco ao jornalista; a partir do momento que ele percebe o mundo de maneira reflexiva, sem pré-julgamentos ou preconceitos, certamente irá abordar os assuntos em seus trabalhos com uma visão mais humana (MIRANDA, 2017).

Todos os meus trabalhos eu sempre procuro contar histórias através das pessoas. Eu gosto de contar meus especiais para esse lado dos direitos humanos, é o que eu gosto de escrever. De contar e de denunciar, sempre com o objetivo de mostrar a realidade, para que as pessoas reflitam e cobre do poder público alguma mudança ou, que também possa contribuir para que ocorra alguma mudança. Denunciar o descaso com o ser humano, o descaso do poder público, e de nós da sociedade, enfim; e quem sabe ajudar de alguma forma para que essa realidade se modifique (DANTAS, 2017). (DANTAS, 2017).

As repórteres, por unanimidade, apontam o relato humanizado como sendo elemento indispensável ao jornalismo. Concordando, portanto, com as inferências de autores como Lima (2009) e Montipó (2011), que compõem nosso aporte teórico. Aquele, aliás, afirma que a saída para o jornalismo é narrar os fatos de um modo que se aproxime das formas narrativas das artes; um modo que seduza o leitor, o levando a compreender o mundo e a realidade que o cerca de um jeito diferente, de forma ampliada. As entrevistadas ressaltam que o relato humanizado não deve ser confundido com o sensacionalismo, uma vez que, em suas concepções, este tipo de produção é totalmente negativa, e por isso reprovável.

Por que é ruim? Porque você quando escreve, você tem uma responsabilidade muito grande sobre o que você escreve; sobre a forma como você escreve. E o que é a prioridade no relato jornalístico? A informação. Então quando você pega aquela informação e você leva pra um lado que ou você vai distorcer pra ganhar mais dramaticidade, ou você vai supervalorizar um aspecto que não necessariamente tenha relevância jornalística, mas você vai sobressai-lo pra que aquilo te dê mais dramaticidade ou mais ibope ou capture a atenção para um lado grotesco ou demasiadamente dramático, no sentido de expor demais a pessoa, isso é péssimo. Então qualquer conteúdo jornalístico que tende ou se preste a ser sensacionalista é totalmente reprovável (CARVALHO, 2017).

Infelizmente, com as mudanças bruscas na forma de obtenção e conteúdo nos últimos anos, principalmente com o forte acesso à internet e às redes sociais, os grandes veículos produtores de comunicação tentaram se aproximar do público consumidor da maneira mais “fácil”, ou seja, espalhando manchetes, títulos e matérias que antes não tinham espaço em uma página de jornal ou em um telejornal, por exemplo, para “fisgar” esse consumidor, que tem acesso a milhares e aos mais diversos tipos de informação e pode facilmente ignorar algo não “chamativo”. Existem inúmeras formas de se contar algo, mas escolher aquela não verdadeira, que denigra a imagem de algo ou alguém, é extremamente tóxico para a credibilidade da mídia como um todo (MIRANDA, 2017).

Sobre as notícias ou os veículos taxados como sensacionalistas, eu acho que a crítica é válida quando realmente é sensacionalista. Eu acho que o sensacionalismo é desnecessário e desrespeitoso com as pessoas. Infelizmente a gente vê que colegas às vezes se aproveitam da fragilidade de uma pessoa que está sendo entrevistada, ou até mesmo, infelizmente, da ignorância – ignorância no sentido da palavra, que essa pessoa não foi

instruída a não se deixar ser desrespeitada. E para poder, às vezes, de forma jocosa, brinca com o personagem, com a sua ignorância ou então em relação às matérias, por exemplo, sobre crime, sobre polícia; que mostram imagens desnecessárias [...]. Coisas que não irão mudar a realidade, não irão contribuir para nada; também não enriquecem a matéria [...] com informações realmente relevantes. Inclusive tem colegas que, por exemplo, para fazer uma matéria sobre menor infrator, coloca no lixo o estatuto da criança e do adolescente, quando mostram imagens desses menores. Matérias que desrespeitam também o estatuto do idoso, enfim. Eu acho que você pode tocar o leitor, o internauta o telespectador, o ouvinte; sem apelos, sem ser de forma apelativa que é o sensacionalismo (DANTAS, 2017).

As jornalistas relacionam o sensacionalismo aos programas policiais, à espetacularização e apelação exacerbada. Este posicionamento remete àquela abordagem feita por Amaral (2006) quando diz que àquela serviu para caracterizar as inúmeras estratégias da mídia como a deformação, ridicularização, exploração do sofrimento humano, etc, mas, pontua que é uma noção ultrapassada. Serviu por um tempo, contudo, não pode ser aceita na atualidade como uma explicação absoluta. Esta inferência vai ao encontro da concepção de Ramos (2012) que como já foi mencionado, é categórico ao declarar que o sensacionalismo pode ter várias faces e se apresentar de várias formas, das mais sutis às mais explícitas.

Quando questionada sobre se alguma vez seu trabalho havia sido caracterizado como sensacionalista, Priscila Miranda, afirmou que se foi, não teve conhecimento. Diz ter convicção de que produz se utilizando da humanização da narrativa. Afirmação esta que corrobora com a opinião de suas colegas, que também revelam que seus trabalhos nunca foram assim rotulados e declaram que se isto vier a ocorrer, estarão abertas ao debate:

Você tem hoje esse campo da Internet aberto para as pessoas dizerem o que quiserem, da forma como quiserem também; esse tribunal do *Facebook*, essa coisa toda que a gente acompanha nas redes sociais, mas do ponto de vista de uma discussão, de um debate; meu trabalho nunca foi enquadrado dessa forma e eu teria muita tranquilidade em debater isso com qualquer pessoa. Eu acho que a honestidade do trabalho vai dizer muito sobre o resultado dele, então embora diretamente eu nunca tenha sido enquadrada ou vista dessa forma; caso eu tivesse num debate e alguém levantasse essa questão eu teria muita tranquilidade em debater (CARVALHO, 2017).

Graças a Deus ninguém nunca avaliou meu trabalho como sensacionalista, pelo menos me falando diretamente, mas se isso vier a ocorrer, eu quero ouvir essa crítica e refletir, porque às vezes a gente não enxerga um erro. Agora, eu costumo muito antes de publicar um material, avaliar se aquela imagem vale a pena ou se aquela informação vai ser relevante para o texto ou não. No especial “Cisternas da discórdia”, eu estava entrevistando dona Damiana que morava no distrito de Solidão e passava muita dificuldade em relação à falta d’água; e ela chorou durante a entrevista de vídeo e eu chorei junto porque eu me envolvo muito [...], e eu fiquei na dúvida se colocaria o trecho que ela estava chorando; se aquele trecho seria sensacionalista, mas

depois de avaliar e reavaliar, eu achei que não, porque ela falava coisas que realmente mexiam com quem estivesse assistindo, mas eram coisas relevantes e acabei colocando. Mas eu sempre faço essa análise: será que eu estou sendo sensacionalista ou não? Se acrítica vier, eu vou ouvir e avaliar; e se for, se eu pesei demais numa imagem que não precisava, que era desnecessária; na escolha de uma imagem ou de uma entrevista ou de um texto, eu vou reavaliar porque eu tomo muito cuidado para não ser sensacionalista (DANTAS, 2017).

O sensacionalismo é estigmatizado como manifestação inferior, armadilha, distorção, passível de negação. As repórteres o tomam como um pecado a ser sempre evitado. Um entendimento que remete à ideia do senso comum. Esta postura, de acordo com Ramos (2012) é corriqueira, mas reducionista e totalmente negativa para a evolução do Jornalismo enquanto campo do conhecimento. Os depoimentos das três quando indagadas se seus trabalhos apresentavam elementos que caracterizavam o sensacionalismo, valida nossa observação:

Você perguntando agora como eu observo esse trabalho, o especial Cisterna da discórdia, quatro anos depois, eu vou falar assim: eu não parei pra analisar ele novamente, matéria por matéria, mas pelo que eu me lembro, continuo achando que não foi sensacionalista. A gente buscou mostrar a realidade. Foi um especial diferente do que eu já fiz, em termos de produção. [...] Foi ótimo porque eu não fiz sozinha; eu não gosto de fazer especial sozinha porque acho que duas cabeças pensam bem melhor. [...] em vez de trinta dias, esse especial foi todo apurado em uma semana: três dias de viagem, com pré-produção de uns três dias também. A gente sentou com o design para pensar, tentar mostrar essa realidade, esse problema que tinha no Sertão, principalmente com superfaturamento e o porquê tantas cisternas ainda não tinham sido colocadas. [...] eu acho que não teve uma pegada sensacionalista não. E o reconhecimento desse trabalho, nos prêmio que a gente ganhou; e também o fato de uma professora ter entrado em contato com agente de uma escola do Ensino médio para dizer que estava trabalhando o nosso especial com os alunos, pra gente isso é super gratificante; são demonstrações de que a gente foi no caminho certo. Não acho, mesmo quatro anos depois, que tenha sido sensacionalista, não. Foi duro o especial porque a realidade que a gente encontrou era dura mesmo, mas acho que a gente tratou da forma correta (DANTAS, 2017, sobre a reportagem especial “Cisternas da discórdia”).

No especial tive a preocupação, desde o início da apuração até o conteúdo ir ao ar, de contar coisas que pudessem mostrar ao internauta o que aquelas cinco personagens passavam no seu dia a dia. O lado bom e o lado ruim de cada história foram expressos com muita sinceridade por elas (as cinco mulheres cegas que entrevistei). Por terem histórias de vida difíceis, naturalmente, o peso das palavras tende a ser maior, mas nada que as colocassem em alguma situação vexatória ou constrangedora (MIRANDA, 2017, sobre a reportagem especial “Conversas sobre o invisível”).

Não. De forma nenhuma, no meu entender. Aquilo é a realidade. Aqueles animais morreram; eles estão ali expostos; foram abandonados ali, porque é a realidade. A gente tem que ter uma clareza muito grande de que a realidade de determinadas regiões, classes sociais ela é gritante, ela é aviltante, ela é

indignante, mas o trabalho do jornalista é revelá-lo. Agora, há uma coisa muito importante, é você ter consciência do seu trabalho. Há vários livros de Jornalismo, Ética discutindo isso. Discutindo até que ponto o jornalista pode ir? Até que ponto não é invasão de privacidade? Isso é uma questão que é proeminente, é fundamental e nenhum jornalista que se preze pode sair da redação sem essa questão na cabeça. Então quando eu defendo a publicação desta foto, eu defendo em nome de denunciar uma realidade que aquelas pessoas estão enfrentando. Eu acho que o fato de você colocar uma foto de um animal se decompondo, aquilo é a realidade daquelas pessoas, elas estão perdendo o gado, elas estão perdendo a produção de atividade econômica por conta da seca. Não mostrar seria negligenciar uma realidade. Então eu acho que a forma como você lida com aquela situação é também uma forma de você denunciar aquela situação. Eu tenho convicção disso, eu tenho muita tranquilidade em relação a isso. Claro, quando você vai mostrar a realidade de uma criança, tudo precisa ser analisado, considerado, ponderado; existem fotos que você pode colocar, existem fotos que você tem que omitir. Cada caso é um caso, e a forma de lidar com cada situação tem que ser de extrema responsabilidade. Eu cobri por muito tempo infância e juventude; ainda faço matéria até hoje. Nunca enfrentei nenhum problema de processo de situação constrangedora, sempre tratei desse tema com extrema responsabilidade. Não tem como ser diferente. Mesmo quando, por exemplo, você está denunciando prostituição infantil, miséria, uma série de coisas, você tem a consciência de que precisa denunciar isso, e você vai lá e denuncia. Como você vai fazer isso, são os limites da pauta, daquele tema, daquela cena que vão te dizer como você vai agir. Agora, uma coisa é certa: aquela realidade precisa ser denunciada, com todos os cuidados, com todas as responsabilidades, mas não denunciá-la, do ponto de vista jornalístico, é omissão e aí eu acho bem grave (CARVALHO, 2017, sobre a reportagem especial “Agreste seco”).

Afirmam que trabalham o relato humanizado; primam por respeitar sempre as personagens e suas histórias de vida; acreditam que deixar de mostrar a realidade das pessoas, suas dificuldades e infortúnios; e deixar de denunciar descasos e violências – no sentido mais amplo da palavra – é uma grave falta para a profissão. Mas, fazem uma ressalva: mais importante do que retratar determinado tema, é fazê-lo de forma responsável e consciente de que aquele trabalho pode transformar, positivamente, a realidade.

Dos seus discursos apreende-se que ao final da produção de uma reportagem especial, que conta com vários elementos como fotos, áudios, vídeos, texto e com todo um trabalho gráfico que desenha a narrativa; é possível que o conjunto da obra dê àquela produção uma carga de sensacionalismo, no sentido mesmo de chocar, mas, esta não é a proposta e intenção das repórteres. Ou seja, ao término de uma reportagem deste porte, se sobressai a subjetividade, mas não no sentido de anulação da objetividade jornalística como foi discutido no início deste texto. Pode-se perguntar: afinal, qual o limite entre relato humanizado e sensacionalismo?

[...] A ideia de sensacionalismo coloca o conteúdo produzido em cheque, pois evidencia aspectos que não contribuem para aquilo que está sendo exposto. Já a humanização é justamente o oposto: agrega valor ao que está sendo contado por aproximar o fato com o consumidor. É preciso mostrar a conexão da história com quem está lendo, ouvindo ou vendo a notícia (MIRANDA, 2017).

[...] Deixando de lado aqueles programas policiais super sensacionalistas, [...] existe uma linha muito tênue, eu acho, entre o relato humanizado e o sensacionalismo. Às vezes o repórter quer tocar, no sentido de provocar o leitor – que eu acho importante, fazer com que o leitor pense naquilo –; mas às vezes na ânsia de tocar o leitor, o repórter pesa na mão, exagera demais; às vezes explorando o sofrimento para emocionar. E às vezes, [...] acabam utilizando imagens desnecessárias ou explorando muito a dor e o sofrimento, e, acabam deixando a problemática em segundo plano, quando na verdade não deveria ser. Você pode falar da dor e do sofrimento, e é importante mostrar dor e sofrimento das pessoas, mas não de forma exagerada; e que isso não se torne o principal da notícia. O principal da notícia na verdade é o que está provocando aquela dor e sofrimento das pessoas; é o problema que tem que ser denunciado. [...] a gente ver o tempo todo, até mesmo colegas que só param uma entrevista quando conseguem fazer a pessoa que está falando chorar. Eu já vi isso varias vezes. Não importa o que ela esteja falando, o importante é que ela chore. Isso, para mim, é puro sensacionalismo. E na busca por emocionar, acaba acontecendo o exagero e muitas vezes você percebe que aquilo não é natural; que aquele sofrimento foi explorado, que foi forçado, e que o repórter passou a valorizar mais isso do que a própria notícia (DANTAS, 2017).

Eu diria que tenho menos dificuldade porque eu consigo enxergar uma série de características num tipo de trabalho, e uma série de características nesse outro tipo de trabalho. Eu acho que tem um conjunto de elementos que você vai conseguir, sim, diferenciar. Eu consigo. A própria condução do trabalho, a forma como você expõe. Eu acho que a gente tem que ter também uma maturidade pra analisar isso, no sentido de saber, que, o fato de você tá expondo uma realidade cruel, grave, desumana, injusta; não necessariamente você está fazendo sensacionalismo. Tudo vai depender da forma como você está fazendo isso. Eu acho, sim, que a forma como você escreve o texto, a forma como você lida com o problema, a forma como você – claro, vai sempre ter uma exposição – mas, a forma como você expõe as pessoas relacionadas a esse problema, vai dizer muito sobre a responsabilidade daquele trabalho. Às vezes, você, por ter aquele relato humano; por mergulhar, expor as mazelas de um determinado personagem, no sentido história de vida, contexto social; você desnuda aquela situação, mas, a forma como você faz isso será sempre primordial e será um diferencial gigantesco entre uma coisa e outra; entre uma abordagem sensacionalista e um relato mais humanizado (CARVALHO, 2017).

Até então as respostas e opiniões das jornalistas convergiam, todavia, quando foi levantada a questão da linha tênue entre relato humanizado e sensacionalismo, as percepções parecem colidir: enquanto Mariana Dantas reconhece que existe um limite ínfimo entre os dois formatos, Ciara Carvalho afirma que, ambos apresentam aspectos e característica

diferentes e de possível percepção. No seu ponto de vista, o que se pretende fazer com o trabalho que se está produzindo, é o que vai demarcar este limite.

Sobre a pergunta se o relato humanizado se efetiva livre de rótulos de sensacionalista? As opiniões também divergem:

Não, eu não acho que está livre de rótulo, não. Por isso eu acho que essa preocupação o repórter tem que ter o tempo todo para não cair no sensacionalismo, porque como eu disse são coisas muito próximas. E também tem aquela questão de interpretação: uma pessoa pode achar meu trabalho sensacionalista; ela pode achar que ali o foco deixou de ser a informação e passou a ser a exploração da dor do outro [...]. Alguém pode interpretar meu trabalho dessa forma, mas você tem sempre buscar evitar isso. Então, se a maioria das pessoas não acha seu trabalho sensacionalista, isso é uma coisa positiva; mas pode ser que tenha alguém que ache e que tenha argumento para isso. Eu acho que toda crítica tem que ser ouvida; saber se tem fundamento ou não. Mas eu acho que o relato humanizado não está livre de rótulos (DANTAS, 2017).

No meu entendimento sim, porque eu consigo ver uma distinção. Eu consigo ver uma diferença na forma como ele é exposto. Talvez, para outras pessoas isso seja mais difícil porque, talvez, pra determinados julgamentos só o fato de você estar expondo ali uma criança descalça, suja, em situação de vulnerabilidade isso já seja sensacionalismo. Eu acho que cada caso é um caso e você precisa ter a honestidade de ver e de discutir qual a forma como aquilo foi publicado. Então eu acho que sim, que é possível se livrar desse rótulo; agora, uma vez que você envereda pelo relato humanizado você está suscetível a este rótulo, embora eu entenda que é distinto um do outro; é totalmente possível de identificar e distinguir uma abordagem da outra. Eu vejo isso de fato com muita clareza (CARVALHO, 2017).

Se a ideia de relato humanizado for de que aquilo que está sendo contado é importante e necessário para quem tem acesso a ele, então provavelmente ele não se encaixará no padrão sensacionalista (MIRANDA, 2017).

É perceptível, portanto, a confusão acerca do tema: relato humanizado versus sensacionalismo. Esta celeuma é reforçada pela pouca e insuficiente revisão bibliográfica que verse sobre o primeiro, bem como pela escassez de teoria que os aborde juntamente.

A esta altura das entrevistas, foi feita a seguinte pergunta: Você produz se utilizando do relato humanizado de forma consciente de que sua maneira de abordar um assunto não é em nenhum momento sensacionalista? E as jornalistas levantam mais uma vez a questão do compromisso do profissional com as pessoas, e principalmente consigo mesmo:

A consciência de que não posso ou não devo utilizar o sensacionalismo no meu trabalho como jornalista vem de um longo processo, constante e evolutivo, de aprender com os erros, sejam os meus ou de meus colegas jornalistas. Tento seguir a linha humanista em matérias que permitam esse caminho; como pautas de comportamento, histórias de vida, tragédias, conquistas Nosso papel primordial é informar, sempre mostrando os diversos



lados de uma história, para que as mudanças sociais aconteçam (MIRANDA, 2017).

[...] eu gosto de mostrar as histórias através das pessoas, como eu falei. Por exemplo, o problema de uma obra atrasada, mostrar quem está sofrendo com aquilo ali; por traz daquele concreto existem vidas que estão sofrendo porque a obra não foi concluída; então eu gosto do relato humanizado, mas eu tenho que tomar cuidado, justamente porque existe uma linha muito tênue entre o sensacionalismo e o relato humanizado; [...] a gente tem que tomar cuidado. Eu acho que todo repórter deve fazer sempre essa autocrítica; e perguntar também aos colegas, ao editor... quando você trouxer material da rua mostrar e perguntar se vai enriquecer o conteúdo da material em termos de informação? Ou só vai chocar? Se não for enriquecer a informação de maneira nenhum, então não vale a pena colocar. Eu acho que essa análise a gente tem que fazer o tempo todo para não ser sensacionalista. Eu posso ter sido em alguma matéria que eu fiz, não só matéria especial [...]. mas eu acho que a forma de você evitar ser sensacionalista – nessa linha tênue entre relato humanizado e sensacionalismo – é autocrítica; e também dividir com os colegas. Eu divido tudo na redação. Você tem que sempre fazer autocrítica; se analisando; tendo cuidado para não escorregar e ser sensacionalista (DANTAS, 2017).

Sim, não é nenhuma questão de consciência, é uma questão de responsabilidade. Eu jamais, conscientemente, faria uma abordagem sensacionalista sobre qualquer assunto, porque o compromisso é primeiro comigo; não é só com o personagem; é primeiro comigo. Eu preciso está suficientemente tranquila da forma como eu conduzi. Quando eu coloco que eu não teria dificuldade, em vinte e três anos de jornalismo, debater sobre nenhum trabalho que eu fiz, e não teria; mesmo trabalhos delicados. [...] Eu recomendo o especial Feridas abertas da fome. É um especial muito duro, que falava sobre miséria, fome; que tinha a foto de uma criança com o corpo coberto de feridas, [...] essa foto ganhou o prêmio ESSO de Jornalismo. Esse trabalho repercutiu bastante [...]; ganhou o prêmio Vladimir Herzog, e é um trabalho duríssimo, difícilimo de ser feito; que expunha uma realidade cruel de fome, de miséria no Nordeste brasileiro; que mostrava crianças subnutridas, crianças com fome, e é difícilimo mostrar isso. Mas o trabalho teve uma seriedade tão grande, um compromisso ético tão forte que foi reconhecido, inclusive por entidades muito sérias; mas a forma como eu abordei o tema me dá total tranquilidade de saber que em nenhum momento eu fui sensacionalista. [...] O processo é muito importante porque o resultado desse processo, que é a publicação, vai traduzir esse olhar humanizado diferente do olhar sensacionalista. Essa abordagem, essa publicação vai conseguir mostrar isso (CARVALHO, 2017).

Ramos (2012) debruçando-se sobre a teoria de Roland Barthes, traz os tipos básicos de sujeito: criança, mãe e idoso como sendo personagens dramáticos; protagonistas e responsáveis pela instauração do conflito; que, na concepção barthesiana configura o *Fait Divers* de Causa Esperada. Ele concebe o *Fait Divers* enquanto manifestação imbuída de sensacionalismo. A repórter Ciara Carvalho lembra uma reportagem na qual há uma criança coberta por feridas e argumenta que a responsabilidade com que trabalhou o assunto lhe isenta

de sensacionalismo, e faz isto de forma precisa e contundente, certa de que seu relato foi feito sob a humanização. Aqui evidencia-se que a teoria e a prática, configurada pela opinião da jornalista, se chocam. A teoria de Ramos (2012), assim como qualquer outra sobre o sensacionalismo, não cogita a possibilidade de existência do relato humanizado. É um movimento de anulação recíproca.

Por fim, perguntou-se a cada uma, o que para elas, em poucas palavras, seria relato humanizado e o que seria sensacionalismo?

Relato humanizado ajuda a conectar o conteúdo publicado ou veiculado com quem tem acesso a ele, para que as transformações sociais, culturais, políticas e econômicas possam acontecer. O sensacionalismo é uma maneira negativa de chamar atenção para algo que pode ser denegrido e exposto de um jeito errado, muitas vezes sem a preocupação com a verdade (MIRANDA, 2017).

Relato humanizado é você simplesmente enxergar o outro da forma mais honesta, verdadeira, e delicada que for possível. Eu, quando vou entrevistar pessoas, tento trazer de todas as formas a essência daquela pessoa para o meu texto, para a construção da minha reportagem. Para mim o que mais importa no jornalismo é transformar. Essa é a minha razão de existir no jornalismo; é poder revelar situações que de alguma forma estão veladas, invisíveis, escondidas, e poder, com aquele relato, transformar não só a vida daquelas pessoas como a compreensão do mundo em relação aquilo. Então, para mim o relato humanizado é a essência do jornalismo. Eu não conseguiria escrever de forma técnica; eu não enxergo o mundo dessa forma, como falei no início da conversa; eu acho que fazer jornalismo é se aproximar de pessoas, é enxergá-las já que somos ponte nesse diálogo entre a realidade, aquela situação que a gente está tratando e o leitor para quem a gente está escrevendo. Eu acho que relato humanizado é a essência do jornalismo: só faz sentido fazer jornalismo se for pra trazer para o universo macro, a realidade, a situação, a vida daquelas pessoas que de alguma forma você está ali contando, mostrando, expondo. Então relato humanizado é essência do jornalismo; e o que é sensacionalismo? É o excesso; é a falta de responsabilidade; é você pegar uma característica e potencializar para trazer mais audiência para quilo. É, a meu ver, a distorção do jornalismo. Enquanto um é a essência o outro é a distorção (CARVALHO, 2017).

Para mim, como já falei em alguns momentos, o relato humanizado, é você contar uma história, fazer uma denúncia, mas através das pessoas. Mostrando a realidade das pessoas que vivenciam aquele problema. É dar vida à matéria, é não ficar focado só em números. Eu acho que isso é o relato humanizado, e pra você fazer, você tem que ir pra rua. Infelizmente, com as redações cada vez mais enxutas, e a necessidade de você dar a notícia logo, isso afeta muito o relato humanizado, porque você fica dentro de uma redação. Como você vai ver a situação, por exemplo, do local de um fato que você está apurando? Você ir lá é muito importante. Conversar com as pessoas que estão lá, contar essa história através das pessoas que vivenciaram aquilo. Isso, pra mim, é o relato humanizado. E sempre de uma forma respeitosa, vendo se aquela informação, se a imagem que você tem vai enriquecer em relação ao conteúdo. E o sensacionalismo, é, em poucas palavras, aquela matéria onde o principal é explorar o outro. É explorar a dor

do outro, é chocar... não é só também matéria policial que eu digo que é sensacionalista, não, você ver muita matéria de fofoca também, que eu acho que é conteúdo puro sensacionalismo. Enfim, eu acho que é quando o fato deixa de ser importante para dar destaque a uma dor... essas matérias, por exemplo, que o povo gosta de colocar, do retirante que foi para São Paulo e se deu mal e agora quer voltar; esses programas sensacionalistas... então em poucas palavras, o sensacionalismo é quando o fato, a informação deixa de ser relevante para dar lugar à exploração do outro (DANTAS, 2017).

No decorrer das entrevistas as repórteres fizeram questão de sublinhar a importância do jornalismo enquanto agente de transformação social. Acreditam e enxergam seus trabalhos como parte deste processo de mudança. Relato humanizado e sensacionalismo, em suas concepções, equivalem ao bem e o mau. Portanto, é necessário se desviar, ter cuidado para não cair na armadilha do mau jornalismo.

Elas reconhecem e enfatizam a importância de reportar a partir das histórias das pessoas envolvidas no fato ou episódio que irão cobrir. Não obstante, isso é elemento indispensável na humanização do relato. Segundo seus pontos de vista, é possível tratar os temas mais delicados sem cair em “armadilhas” – dando a entender que relato humanizado e sensacionalismo são coisas antagônicas. Entretanto, em alguns momentos, admitem que existe a possibilidade de, mesmo o jornalista tendo a pretensão e o perfil de humanizar, inconscientemente, fazer um trabalho característico do sensacionalismo. O que acaba culminando na questão chave desta pesquisa: a linha tênue entre os dois formatos. Lembremos, porém, que Chaparro (2007, p. 33), pontua “Jornalismo é um processo social de ações consciente”.

Quando foi perguntado sobre esta celeuma que ronda a problemática do sensacionalismo em contraste com o relato humanizado, as três repórteres apresentaram opiniões divergentes, mas, reconheceram a inevitabilidade de delimitação e conceituação para se compreender melhor ambas as formas; especialmente para não tomar por sensacionalismo aquilo que é próprio do jornalismo feito a partir do relato humanizado – que seria o bom jornalismo.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Teoria e prática dialogaram de modo que a prática, configurada pelos depoimentos das entrevistadas, validou, outorgou o que diz a teoria utilizada neste estudo: o sensacionalismo é negado, pois continua sendo visto como manifestação inferior. Contudo, é indispensável ter

em mente que a percepção e opinião das três repórteres não implicam dizer que seja a percepção do Jornalismo.

Nas entrevistas foram contemplados, direta ou indiretamente, todos os pontos levantados desde o início de nossa discussão, desde ética até humanização; o que amplia a visão acerca da temática. Isto foi permitido, sobretudo, pela escolha da condução do estudo e a metodologia adotada.

Dizer que o jornalismo sensacionalista é algo que por ser destinado à massa, é mais prático, de fácil compreensão, e apela para a emoção, enquanto que o relato humanizado é mais bem elaborado, conta com personagens marcantes; um texto sensível, mais subjetivo – às vezes embebido de elementos próprios da literatura –, não é o suficiente para distingui-los.

Ramos (2012) trata do sensacionalismo sem mencionar o relato humanizado, e pontua que aquele é denegado, até pela literatura; calado por termos mais eufêmicos. Desta forma o autor faz duas coisas: primeiro, confirma nossa ideia de que não há teoria que os comporte juntamente – o que faz soar como se um anulasse o outro; e segundo, infere que o relato humanizado não existe.

Ou então, poderíamos entender a discussão assim: se o sensacionalismo é comumente relacionado a algo negativo, aos programas policiais, à espetacularização da notícia, entre outros. Mas, o autor mostra que tal aspecto pode se fazer de maneira sutil, quase imperceptível, em diferentes produções jornalísticas. Seria o caso de afirmar que existe uma escala de sensacionalismos? Se a resposta for positiva; então o relato humanizado seria apenas um eufemismo para o sensacionalismo?

É uma questão pertinente e, espera-se que ressoe e incomode os interessados pelo debate, os levando a buscar respostas e assim contribuir com o Jornalismo tanto enquanto campo do conhecimento como enquanto profissão mesmo. Obviamente este não é um trabalho acabado. Pelo contrário, aqui foi aberta apenas uma das inúmeras janelas, das inúmeras possibilidades de investigação existentes. Esta pesquisa teve por finalidade atrair os olhares de pesquisadores para a carência de literatura que busque dar conta de possíveis respostas para essa discussão envolvendo o relato humanizado e o sensacionalismo, já que existe revisão bibliográfica de um que não contempla o outro e vice e versa.

## ABSTRACT

There is a “confusion” about what is Sensacionalism and Humanized description – at first own characteristic of the Literary Journalism. Such stir is reinforced by the scarcity of literature that confronted and conceive in a clear and objective way. This reason by itself would justify the proposal here presented. Betaking authors like Pereira Lima (2009) and Montipó (2011) which occupy themselves by studying Humanized description; Amaral (2006) and Ramos (2012) which occupy themselves about Sensacionalism; and listening the opinions of three reporters of the *Jornal do Comercio*; We tried to put both possibilities in dialog, in the impetus to understand how do they appear at the same time and intertwine themselves. In the understanding of Ramos (2012) the Sensacionalism is seen like something entirely negative and because of that try to denied at all cost. The interviewees valid this thought when they say that Sensacionalism work is in an inferiority baseline: While Humanized description is the essence the other one is the excess. The study is presented as follows: about nature is abstract subject matter, for the objective it is research Exploratory and Descriptive, the procedures are bibliographical and field.

**Keywords:** Journalism. Humanized description. Sensacionalism.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Priscilla Margaret Moreira. **Violência, futebol e erotismo: sensacionalismo e espetacularização nas capas do tabloide “Meia Hora de notícia”**. 2007. 69 f. (Graduação em Comunicação Social) UFV. Minas Gerais, 2007.

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnlismo: a notícia como espetáculo**. 2. ed. São Paulo: Casa Amarela, 2002.

BITTAR, Eduardo C. B. **Curso de Ética Geral e Profissional**. São Paulo: Saraiva, 2002.

CARVALHO, Ciara. **Entrevista TCC Relato humanizado e sensacionalismo**. [mensagem pessoal em áudio via aplicativo *WhatsApp*] Mensagens recebidas por <81994477242> em 27 de julho de 2017.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo: Buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. 3. ed. São Paulo: Summus, 2007.

DANTAS, Mariana. **Entrevista TCC Relato humanizado e sensacionalismo**. [mensagem pessoal em áudio via aplicativo *WhatsApp*] Mensagens recebidas por <81994477242> em 27 e 28 de julho de 2017.

DUARTE, Jorge. BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. – 5. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2011.

KARAM, Francisco José. **A ética jornalística e o interesse público**. São Paulo: Summus, 2004.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. São Paulo: Manole, 2009.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo – Da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

\_\_\_\_\_, **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

MIRANDA, Priscila. **Entrevista TCC Relato Humanizado e sensacionalismo**. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por <pbezerranascimento@hotmail.com> em 30 de junho de 2017.

MONTIPÓ, Criselli. **Jornalismo, ética e humanização: reflexões sobre a tríplice tessitura**. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011.

\_\_\_\_\_; FARAH, Ângela. **Relato humanizado no jornalismo: a importância da humanização na narrativa pra um jornalismo transformador**. In: *Mídia Cidadã 2009 – V Conferência Brasileira de Mídia Cidadã*, 2009. Guarapuava. Anais. Guarapuava, 2009. p. 906-923.

MORAES, Fabiana. **Quando o encontro desmonta sua mente**. Entrevista concedida na XIV edição do Seminário Os Festejos Juninos no Contexto da Folkcomunicação e da Cultura Popular: Folkcom UEPB 2017. Disponível em <<https://www.facebook.com/folkcomuepb/videos/1992334094384025/>> Acesso em 22 de out de 2017.

NASCIMENTO, Robéria Nádia A. **Informação e cidadania: da pluralidade dos sentidos ao desvelar dos ditos**. Dissertação de Mestrado. UFPB/João Pessoa, 2001, 292p.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

RAMOS, Roberto. **Os sensacionalismos do sensacionalismo: uma leitura dos discursos midiáticos**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SODRÉ, Muniz. FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem: notas sobre a Narrativa Jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

## APÊNDICE

### APÊNDICE: Roteiro de questões para as entrevistas com as jornalistas



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

#### **ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM AS JORNALISTAS**

**(A questão de número 5 é específica/personalizada)**

1ª Quando recebe ou elabora uma pauta para apuração você no mesmo instante escolhe a forma – a melhor maneira de contar aquela história ou isso só vai ser pensado na hora de produzir o conteúdo, já com todo o material coletado em mãos?

2ª A narrativa numa perspectiva mais humanizada é algo premeditado para comover o leitor ou apenas a forma mais adequada de reportar? Por quê?

3ª Você enquanto produtora de conteúdo jornalístico o que acha das produções taxadas de sensacionalista?

4ª Alguém já caracterizou seu trabalho desta forma?

5ª Na matéria especial “Agreste seco”, de 27 de novembro de 2016, no JC online, as imagens de animais em decomposição não dão uma carga de sensacionalismo à produção? (Ciara Carvalho)

5ª Na reportagem especial “Cisternas da discórdia”, de 04 de janeiro de 2013, a abordagem feita, o jeito como se explorou os recursos gráficos e as imagens não tem característica de sensacionalismo? Como você observa esse trabalho 4 anos depois da publicação? (Mariana Dantas)

5ª Na matéria especial “Conversas sobre o invisível”, de 26 de setembro de 2016, a escolha das personagens e a exposição de suas histórias não chega a ter ar de sensacionalismo? Essas histórias poderiam ser contadas de outra forma? (Priscila Miranda)

6ª Existe uma dificuldade acerca do que seja o relato humanizado e o que seja o sensacionalismo, em especial entre os estudantes de jornalismo. No seu dia a dia de repórter é fácil compreender e distinguir essas duas características nas produções?

7ª Você produz se utilizando do relato humanizado de forma consciente de que sua maneira de abordar um assunto não é em nenhum momento sensacionalista?

8ª O relato humanizado se efetiva livre de rótulos de sensacionalista?

9ª Em poucas palavras: o que é relato humanizado? E o que é sensacionalismo para você?